

À G.:D.:G .:A.: D.: U .:

A.: R .:L.: S .: Lótus Verde no. 2498

Francisco Glycério Cerqueira Leite

Ao reabrir-se o Senado, em 4 de março de 1916, o vice-presidente da República, Urbano Santos, comunicou o falecimento do General Glycério, ocorrido em 12 de abril e descreveu o último ato lúcido do lutador valente e desprendido : “ sempre de coração alegre, sem sombra de despeito ou inveja”. Assim era esse homem, nas palavras de Urbano Santos, que falava com emoção e carinho:

“ Viveu sempre uma vida despida de qualquer luxo e ostentação, vindo a acabar os seus dias em uma medíocre pensão de ordem secundária. Nessa casa, onde estive, fui conduzido para aguardar o momento de cerimônia, ao seu gabinete de estudo, e ali levei algum tempo a pensar sobre a injustiça e as dores íntimas que sofrem os homens públicos na nossa terra, principalmente quando eles, como o Senador Francisco Glycério, sofrem os botes da maledicência sem dizer uma palavra, sem proferir uma queixa.”

Importante político brasileiro, **Francisco Glycério Cerqueira Leite** nasceu em Campinas (SP) a 15 de Agosto de 1846. De ascendência humilde, foi tipógrafo, escrevente de cartório e advogado provisionado. Aproximou-se na juventude do grupo de republicanos de Campinas, Américo Brasiliense, Américo e Bernardino de Campos, Campos Sales e Rangel Pestana, formando o primeiro núcleo de propaganda no interior da província.

Em 1869, na época da fundação da **Gazeta de Campinas**, onde obteve projeção como jornalista, além de conceito como advogado, foi iniciado na “**Loja Independência**”, de Campinas, mas frequentava, também, a “**Loja Piratininga**” de São Paulo e mantinha contatos constantes com membros da “**Loja América**”, sendo todas fornalhas maçônicas, onde as idéias abolicionistas e republicanas adquiriam têmpera.

Foi o mais atuante e o mais pragmático dos republicanos paulistas da propaganda, sendo um dos seus líderes, conseguindo que o partido, na **Convenção de Itu** (18 de abril de 1873), mantivesse suas atenções voltadas à causa republicana e não à abolicionista, dizendo: “**Nosso objetivo é fundar a república, fato político, não libertar os escravos, fato social.**”

Vereador em Campinas de 1881 à 1884; e a partir de 1889 foi chefe do movimento republicano em São Paulo, viajando por todo país para orientar os vários grupos republicanos. Visitava, também, as lojas maçônicas mais proeminentes, nas quais era tratado como autêntico líder, para levar a sua palavra de fé republicana.

Nessa época, foi incansável, e tão elevado era seu prestígio que, a 7 de novembro de 1889, levando consigo Campos Sales, seguiu para o Rio de

Janeiro, onde, no dia 10, tomou parte na importante e decisiva reunião realizada na residência de Benjamin Constant, decidindo a queda do império.

Ministro da Agricultura no governo de Marechal Deodoro, eleito, depois, deputado, foi escolhido líder da maioria no governo de Floriano Peixoto. Em 1894, organizou o Partido Republicano Federal na primeira tentativa de formação de um partido nacional. Quando Prudente de Moraes foi eleito presidente, Glycério, passou a representar o pensamento do governo na Câmara dos Deputados.

Em 3 de junho de 1897, foi derrotado na eleição para presidente da Câmara, cindindo-se o Partido Republicano Federal, que acabaria sendo desfeito durante a crise que resultou na candidatura de Campos Sales à Presidência da República. Nessa época, Glycério, ao lado de Lauro Sodré e de Pinheiro Machado, todos líderes maçônicos do Grande Oriente do Brasil, não apoiavam Campos Sales.

Em novembro de 1897 voltou a advogar e a trabalhar no jornal **A Cidade de Campinas**, porém a mudança na política efetivada por Campos Sales e a dissolução dos antigos partidos, propiciaram a volta de Glycério ao cenário político nacional, eleito senador em 1902, cumprindo mandato até o fim de sua vida como um dos expoentes do senado e sendo, de 1903 à 1906, líder da maioria.

Tinha, concedidas pelo **Governo Provisório da República**, as honras de General de Brigada; e, do Grande Oriente do Brasil, tinha o título de Grão-Mestre Honorário.

Em um de seus últimos discursos no Senado Federal, pronunciou: **“Eu sou liberal e liberais não de ser aqueles que não de arregimentar forças depois que as idéias amadurecerem na opinião pública.**

Então os liberais não de aparecer arregimentados para dar combate a essas pequenas bastilhas - pois que não se chamarão oligarquias -, onde estão enclausurados os princípios da liberdade. Não há ordem sem liberdade, não há liberdade sem o respeito às leis.”

Bibliografia

- **Os Maçons que fizeram a História do Brasil** - José Castellani - 2ª edição - 1973. Editora A Gazeta Maçônica - SP
- **Enciclopédia Britânica do Brasil** - Mirador . Volume 10.
- **Diário Oficial do Estado de São Paulo** - Suplemento. Volume 110 - no. 218 de 15/11/2000.

Stefanos Paraskevas Lazarou
A.:M.: Dezembro/2000